HOMENS ATUAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL? UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DO ACESSO, PERMANÊNCIA, EVASÃO E ATUAÇÃO DO DOCENTE MASCULINO.

Janailsom Nunes da Silva
Discente em licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas-Campus do Sertão de Delmiro Gouveia.
janailsonnunesdasilva@hotmail.com

Giseliane Meideiros
Doutoranda em Educação- UFAL, Coordenadora do curso de Pedagogia da Faculdade Pio Décimo de Canindé de São Francisco- FAPIDE.
gisele_ufal@hotmail.com

RESUMO

O trabalho docente dedicado à infância é uma área ocupada por mulheres. Já a presença de homens na Educação Infantil é um fenômeno raro. Esta pesquisa teve como objetivo analisar o percurso formativo de discentes do sexo masculino matriculados no curso de pedagogia da UFAL entre 2017 á 2019, descrevendo as possibilidades e dificuldades de atuação na Educação Infantil, destacando as razões históricas e sociais que tem contribuído para desenvolver preconceitos acerca do gênero masculino na Educação Infantil. Utilizando-se da abordagem qualitativa, com a realização de uma entrevista semiestruturada com 12 discentes do gênero masculino, matriculados no curso de pedagogia da UFAL-SERTÃO, com a coordenadora do curso e com 03 professores que atuam na Educação Infantil. A metodologia traçada para atingir os objetivos da pesquisa é de natureza qualitativa, do tipo semiestruturada. Como procedimentos da coleta de dados foram utilizados na entrevista um questionário composto de perguntas abertas para cada publica alvo. De acordo com a contribuição dos professores, percebemos que de fato é possível homem atuar enquanto educador de crianças pequenas, desde que o mesmo tenha uma formação que tenha lhe passado uma preparação adequada e que as práticas pedagógicas desses professores são de extrema importância na constituição física, intelectual, moral e social das crianças, no entanto, possuem capacidade de desenvolver o seu papel de educador tão bem quanto às mulheres. Em suma, quanto mais professores homens surgir nesse campo de atuação, melhor será para a equidade de gêneros e desconstrução dos referenciais, promovendo assim, permanente ressignificação de espaços e papéis sociais.

Palavras-chave: Educação Infantil; Homem na pedagogia; Crianças pequenas; Preconceito.

DO MEN WORK WITH CHILDHOOD EDUCATION? A CASE STUDY ABOUT ACCESS, PERMANENCE, EVASION AND PERFORMANCE OF MALE TEACHERS

ABSTRACT

The teaching performance dedicated to childhood is a field occupied by women. The presence of men in preschool and kindergarten is a rare phenomenon. This paper aims to analyze the formation of male teachers enrolled in the Pedagogy

program of UFAL between 2017 and 2019, describing possibilities and difficulties of the performance in Childhood Education, highlighting the historical and social reasons that have contributed for the development of prejudices against men in Childhood Education. Using a qualitative approach through the conduction of semi-structured interviews with 12 male teachers, enrolled in the Pedagogy program of UFAL-SERTÃO, with the program's coordinator and 3 teachers who work with childhood Education. The methodology chosen to reach the objectives of this research was qualitative and semi-structured, and the date were collected through the open-ended questions of the interview. According to the teachers' contribution, we could observe that it is actually possible for a man to work as a teacher of babies and toddlers, as long as he had received an appropriate formation, capable of providing him with the right preparation. The pedagogical performance of male teachers has turned out to be extremely important for the children's physical, intellectual and moral constitution, and it was also seen that they can play their role as teachers as competently as women. In short, the more male teachers occupy this educational field, the better it will be for gender equity and deconstruction of references, thus promoting a permanent resignification of spaces and social roles.

Keywords: Childhood Education; Men in pedagogy; Toddlers; Prejudice.

INTRODUCÃO

A Educação Infantil nos revela com um ambiente em que pouco é notado a presença masculina nessa modalidade de ensino e, ainda hoje, pouco se ver essa presença, no entanto, dessa porcentagem tão pequena de docentes masculinos que atuam nessa área passam por alguns empasses, onde são submetidos a questionários sobre sua escolha da profissão, e comentários seguidos de preconceito.

Outro desafio é a mídia, com as notícias sobre pedofilia e abusos - geralmente recaem sobre a figura masculina. A cultura do estupro, nesse caso e associada à imagem do homem que representa riscos em potências as crianças (especialmente as meninas), bem como a construção social e histórica de que as mulheres são mais capazes ou deveriam ser as únicas responsáveis por cuidar e educar os filhos e ainda influenciam em grande medida nesse pensamento, gerando estranheza a respeito da presença do homem na comunidade escolar, principalmente em uma sala de aula.

Em outras palavras, a relutância dos homens na docência com crianças não se deve apenas ao preconceito cultural, mas também aos baixos salários e as condições de trabalho instáveis que refletem a desvalorização profissional. Outro fator que reflete a escassez de homens na Educação Infantil é a associação das atividades educar/cuidar à maternidade.

Para Scott (2009), o conceito de gênero se tornou, especialmente nas ciências humanas e sociais, tornando assim, não apenas uma ferramenta de análise, mas um instrumento para a autoconstrução humana nas relações sociais que devem originar-se na justiça e na igualdade, partindo do reconhecimento e ao respeito às diferenças. As relações de gênero são configuradas para construção social e cultural. Sem deixar de considerar os aspectos biológicos, a categoria Gênero tenta quebrar o conceito de determinismo biológico, comportamental, social ou cultural.

Portanto, as questões que nortearam esta pesquisa é, sem dúvida, o meu desejo de compreender a partir da perspectiva das relações de gênero, como o professor do sexo masculino estabelece sua identidade profissional na Educação infantil. Então pesquisa explicita as visões sobre como se deu o acesso, permanência, evasão e atuação dos discentes masculinos do curso de Pedagogia da UFAL-Campos do sertão, sobre a relação que esses homens estabelecem com as pessoas e com as atividades relacionadas ao cuidado e à educação da criança pequena.

Depois de analisar essas visões, tentamos destacar os desafios e as limitações enfrentados por esses discentes e professores homens, e as relações de gênero acarretam no exercício da docência. Em suma, centrado nos discentes e professores do sexo masculino, a pesquisa visa evidenciar os desafios e limitações que enfrentam desde o seu ingresso à universidade a sua atuação no mercado de trabalho.

O objetivo geral da presente pesquisa é analisar como funciona o acesso, permanência, evasão e conclusão de discentes do sexo masculino matriculados no curso de pedagogia da UFAL-Sertão, descrevendo as possibilidades e dificuldades de atuação docente na Educação Infantil.

A justificativa da pesquisa se originou, a partir do primeiro contato com uma turma do curso de Pedagogia do campus do Sertão da UFAL, que havia poucos alunos de sexo masculino e ficava imaginando de que maneira seria a atuação destes alunos na Educação Infantil, já que o mesmo oferece está oportunidade. Podemos observar que a turma a qual eu fazia parte, a presença feminina era majoritária, já a masculina se resumia apenas em seis alunos numa turma de 40, por esta razão, invariavelmente, parecia que estávamos no curso errado. Afinal era uma área dominada por mulheres e que provavelmente para nós, apresentaria grandes dificuldades no decorrer do percurso formativo e posteriormente na vida profissional.

O problema da pesquisa se situa na busca de compreendemos como funciona o acesso, permanência, evasão e conclusão de discentes do sexo masculino matriculados no curso de pedagogia da UFAL e quais são as possibilidades e dificuldades de atuação docente na Educação Infantil?

A pesquisa ocorreu de fato na UFAL, onde realizaremos as entrevistas ao nosso publico alvo, os alunos graduandos em pedagogia do 2º, 4°, 6° e 8º período pela instituição referida e a professores egressos (gênero masculino) atuantes ou não. Para obtermos esses resultados realizamos uma pesquisa geral, primeiro no CRCA e na Coordenação para obtermos dados referentes à quantidade de alunos do sexo masculino matriculados, evadidos e formandos entre 2014 a 2019.1 Logo depois realizamos uma entrevista semiestruturada com 15 alunos em curso, com a coordenadora do curso de pedagogia e com uma amostragem de 03 professores masculinos egressos que atuam na Educação Infantil, a técnica de analise para obtenção dos resultados foi adotado a analise do conteúdo2, para assim obter dados sobre o objeto deste trabalho, realizaremos uma pesquisa bibliográfica para o aprofundamento das análises.

PERCURSO FORMATIVO: ACESSOS, PERMANÊNCIA, FORMAÇÃO DE DISCENTES DO SEXO MASCULINO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFAL, SERTÃO.

Quando falamos em educação, nos remete a uma equação a ser resolvida. Se hoje vivemos em meio a um cenário bastante conturbado no que diz respeito à educação básica, no ensino superior não é diferente. Já se tornou senso comum a afirmação de que as políticas públicas voltadas para a educação básica não têm contribuído para garantir uma educação de qualidade.

Historicamente, o acesso ao ensino superior tem sido uma pequena parte do privilégio da sociedade brasileira. A classe popular nem sempre pertence ao lugar social da universidade, privilegio de poucos. Os moradores da cidade de Delmiro Gouveia e regiões circunvizinhas foram comtemplados com a instalação de uma Universidade Federal no sertão alagoano, que veio ofertar o ensino superior gratuito para aqueles cidadãos que não possuíam uma estabilidade financeira para cursarem o ensino superior em outra cidade ou capital. A forma de acesso Universidade Federal de Alagoas-Campus do Sertão, e Igual a outras universidades públicas no país, a competição para o vestibular é acirrada e a taxa de candidatura/vaga vem se ampliando ao longo dos anos.

Portanto, parece que não é fácil para os concluintes do ensino médio a escolha do curso superior, no entanto a mesma se trata de uma tarefa árdua. Tozzi (2004) resume bem essa questão ao afirmar que,

> (...) em tempos de inscrições para o vestibular, é fácil constatar uma dúvida que persegue boa parte dos candidatos: que profissão escolher? Em geral, trata-se de uma escolha quando ainda o estudante não tem domínio das questões básicas em relação à futura profissão. Com 17 ou 18 anos de idade, em média, esta é certamente a decisão mais difícil que irá tomar na vida. Recém-saída da adolescência, a maioria carece de segurança emocional e vivência profissional. (p.64)

As escolhas das respectivas carreiras a serem percorridas por esses sujeitos, sem dúvida, irá determinar o tipo de vida pessoal e familiar que cada um sempre sonhou uma estabilidade financeira, mesmo sabendo que tal decisão pode mudar no curso da vida, que ela deve ser bem analisada.

Em relação ao acesso a UFAL, foi questionado aos entrevistados como eles veem a forma de acesso à Universidade pesquisada:

> Muito concorrida, apesar de que nem todos nos tivemos o privilegio de ter uma preparação para o Enem, foi de boa na época para concorremos o processo seletivo do "Sisu", foram-se anos de espera para esse dia tão gratificante para minha pessoa na época, visto que era a universidade em que eu almejava, por ser uma Universidade Federal o peso seria maior. (Alfa, 23 anos, 4° período).

Mediante o entrevistado, podemos perceber que de fato eles são postos a encarar algumas dificuldades, no percorrer do trajeto educacional; partindo desde o ensino médio ao cursinho preparatório para vestibulares ao o tão esperado ingresso a universidade, visto que para muitos o peso maior não se encontra no processo seletivo, mas sim na escolha do curso. O último ano do ensino médio é uma das etapas mais importantes da vida de um estudante. Pois é nesse período que recai sobre ele o peso da escolha da profissão que ele deseja atuar.

Em certa frequência, se a previsão de reprovação não for confirmada e o aluno passar no primeiro vestibular, mesmo depois de outras tentativas sem sucesso, o mesmo sempre chega a duvidar da sua habilidade, atribuindo o resultado obtido pela ocorrência, a uma oportunidade ou apenas sorte. O sucesso dos vestibulares é sempre surpreendente e foi assim que reagiram alguns alunos ao identificar o seu nome na lista de aprovados no vestibular na época do seu ingresso:

> Eu até nem acreditei, no momento em que eu vi meu nome na lista dos selecionados, eu disse: não pode ser, não pode ser. (Alfa, 23 anos, 4°periodo).

> Rapaz a UFAL e hoje como minha segunda casa, parece um sonho ter conseguido entrar aqui... Eu pensava que pra mim era uma coisa impossível. (Dias, 2° período, 22 anos).

> Eu me julgava incapaz de passar. É muito difícil um estudante de colégio público entrar na universidade. [...] Eu não me achava com capacidade de entrar numa federal. (Ramos, 8º período, 27 anos).

Através das respostas dos entrevistados, percebemos a gratidão de alguém merecedor, de pessoas que duvidavam do seu potencial, no entanto os espaços em branco deixados pela etapa anterior na educação marcam infinitamente a vida acadêmica, e as afirmações nessa área são de grande importância.

Assim como o acesso ao ES[1] para muitos e algo visto como uma barreira, a permanência se tornou algo ainda mais difícil. Provocando um grande numero de evasão. Apesar dos avanços da pesquisa sobre o ensino superior, a evasão ainda é um aspecto inexplorado tanto na educação pública quanto na e privada. Pode-se dizer que o problema da evasão educacional está relacionado a diversos fatores, como características pessoais, situação econômica e dúvidas sobre a escolha. Como afirmam Baggi e Lopes (2011), a evasão escolar é um fenômeno complexo, que pode ser definido como a interrupção no ciclo de estudos e que pode ser provocada por inúmeros fatores: pessoais, familiares, sociais, econômicos ou institucionais.

> Na época não estava dando para conciliar o curso de pedagogia com o trabalho, no período trabalhava em uma fazenda e teria que ficar mais de 8 horas por dias cuidando de uns animais, dai alguns messes depois saiu o resultado do vestibular de um instituto federa1, o qual eu teria sido aprovado para Zootecnia, o curso que sempre quis cursar, hoje estou cursando4° período, porém o que mais me doeu na época foi ter que abandonar uma turma super maravilhosa, um povo risonho e felizes, para começar todo processo de conhecimento em outra instituição, no entanto nem despedir da turma fui.(SANTOS, 24 anos, evadido.

> Ainda tentei conciliar os dois cursos em instituições diferentes, porém o negocio começou a complicar, estudava na UFAL pela manhã cursando pedagogia e a noite cursava enfermagem na atual Unirios, e isso estava me consumindo, não sobrava tempo para fazer mais nada. (KOQUIMOTO, 21 anos, evadido).

Compreendemos que os alunos evadidos na época no 2° período, relatam que o fato da evasão do curso se deu através que não estava conciliar na época duas graduação e o trabalho. Muitos estudantes e profissionais ficam assustados quando reconciliam suas vidas duplas. Devido às rotinas organizadas, ao desafio de manter a mente produtiva e atender todas as necessidades, algumas pessoas desistem antes mesmo de tentar. No entanto, estudar e trabalhar ao mesmo tempo traz muitos benefícios para o currículo e para a vida pessoal.

Há uma luta constante entre o que gostariam de fazer e o possível de conseguir em várias situações: carga horaria de trabalho, tempo insuficiente, solicitações de novos cursos e outras

[1]Abreviatura utilizada pelo pesquisador para se referir ao Ensino Superior.

solicitações de natureza social e cultural, mas com recursos financeiros limitados. Como alunos revelaram, abrigar-se em isolamento é a saída.

Para Mohelecke (2007), a maioria dos estudos sobre evasão tem como foco a educação básica, sendo que no ES há muito pouca exploração desse tema, sendo necessário desenvolver modelos teóricos que ajudem a explicar os motivos da evasão. Segundo a autora, os fatores da evasão podem ser elencados em individuais e institucionais:

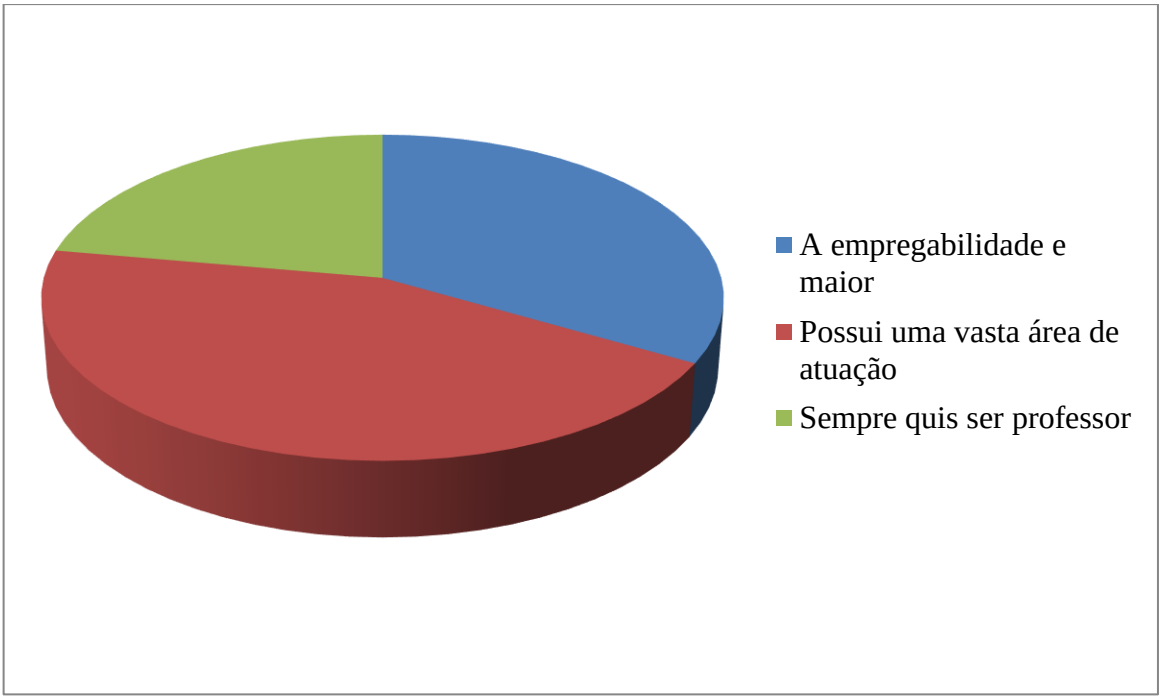
> Entre os fatores individuais da evasão constam: a incerteza quanto ao curso, própria de um processo de busca do indivíduo que em geral tem de escolher sua área de formação ainda muito jovem; motivos familiares como doença, necessidade de ajuda financeira, nascimento de criança, compromissos maritais; a necessidade de trabalhar. Os fatores institucionais mais frequentes são: desilusão com o curso; problemas relacionados ao curso como currículo (muito rígido, inadequado para o aluno trabalhador), ao relacionamento com professores, com colegas, funcionários; dificuldade de acesso à instituição (MOEHLECKE, 2007, p. 13).

O fenômeno de evasão envolve uma conexão clara entre vários fatores, nomeadamente dificuldades pessoais, com o apoio de um bom sistema, são melhor superar as limitações os problemas institucionais prejudicaram muito aqueles que enfrentam as maiores dificuldades.

Entre linhas ao analisar as razões e condições do processo de tomada de decisão em relação ao curso superior, inclui a consideração de que o processo não será neutro, mas que a compreensão dessa opção pode ser determinada por fatores socioeconômicos anteriores, nível e tipo de educação, Costumes sociais e culturais compartilhados, experiência profissional anterior, fonte e tipo de escolarização precedente, sobre os cursos e suas áreas profissionais divulgadas e influenciadas na sociedade por amigos e família, etc.

Nessa perspectiva, pode-se entender que a escolha dos cursos é muito importante, seja em aspectos pessoais, sociais, econômicos e políticos, apesar desses resultados, o processo é muito lento e comutação coletiva. Em busca de compreendermos os motivos por traz da escolha, foi-se questionado sobre a referente escolha pelo curso de pedagogia e foram-se obtidos alguns dados como veremos no gráfico a seguir:

Gráfico 0-1 - Motivos que levaram a escolha do curso de Pedagogia



Fonte: Arquivo pessoal do Pesquisador.

Nessa perspectiva, com os dados obtidos através dos alunos podemos perceber que os respectivos motivos são: a empregabilidade e maior, por possuir uma vasta área de atuação no mercado de trabalho, e por querer ser professor, um dos motivos mais comentados, foram pela respectiva escolha, se dava pela simples razão do curso ofertar uma demanda muito grande na área de atuação no mercado de trabalho.

Os pedagogos podem atuar como professores em creches e escolas. Mas o mercado de trabalho para quem decide fazer um curso de pedagogia ultrapassa em muito às noções românticas dos professores do século XIX. O curso de pedagogia é um profissional multidisciplinar que pode desempenhar um papel no processo de ensino, podendo ser ministrado para crianças, jovens e adultos, e também pode desempenhar um papel na administração de instituições de ensino.

Como veremos a seguir na tabela, algumas áreas em que o pedagogo pode atuar e sua respectiva função:

Tabela 2 - O mercado de trabalho do pedagogo e a suas respectivas funções

MERCADO DE TRABALHO DO PEDAGOGO	
ÁREAS DE ATUAÇÃO	**FUNÇÃO**
Área Hospitalar	Acompanhar a criança ou adolescente no período de ausência escolar, internados em instituições hospitalares. Disponível em: https://proceedings.science/afnaeh/afnaeh-2010/papers/a-funcao-do-pedagogo-hospitalar-na-equipe-multiprofissional-de-saude
Área Militar	Promover a capacitação e treinamento da equipe. Nesse tipo de setor o profissional é visto como um elemento importante para o procedimento de formação de um novo corpo militar. Disponível em: https://doi.org/10.28998/21756600.2019v11n23p299-310
Docência	O desenvolvimento do conhecimento cultural e cientifico da população em geral. Disponível em: https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/educacao/a-figura-pesquisadorpedagogo-no-ensino-superior.htm
Área empresarial	Promover a reconstrução de conceitos básicos, como criatividade, espírito de equipe etc. Disponível em:https://www.infoescola.com/profissoes/pedagogia-empresarial/
Administração	Capacitação e instrução de equipes, promovendo palestras, estímulos, entre outras funções. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/641-4.pdf
Supervisão	Responsável por políticas externas e internas das escolas, auxiliando a atuação do professor, organizado e orientando as ações pedagógicas. Disponível em: https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/06/o-papel-do-pedagogo-na-supervisao-escolar.pdf
Direção	Garantir o bom funcionamento da escola administrando suas finanças, dirigindo a elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP), acompanhando a evolução dos alunos e garantindo o bom relacionamento entre os membros da equipe escolar. Disponível em: https://horario.com.br/blog/funcoes-pedagogo/
Ongs	Desenvolve e elabora projetos educativos, planeja ações da instituição, presta suporte pedagógico, busca parcerias, entre outras ações. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4488_3754.pdf
Museus	Desenvolver os fundamentos da missão, políticas e programa do museu. Que devido ao seu contato íntimo com o público e um excelente conhecimento das expectativas e possíveis reações dos vários grupos da sociedade. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/4294-Texto%20do%20Artigo-13600-1-10-20170114.pdf

Clínicas (Psicopedagogo)	Atua como um facilitador da aprendizagem prazerosa, orientando e ensinando a estudar. Ele trabalha em consultório, no diagnóstico, no tratamento do problema já instalado e na prevenção de problemas de aprendizagem. Disponível:https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572014000200219&script=sci_arttext_plus&tlng=pt
Elaborações de projetos	Cria situações de aprendizagem, com um foco muito direcionado para as relações que se estabelecem nessas situações. Favorecendo o ensino com base em descobertas surgidas das pesquisas realizadas sob sua orientação. Disponível em: https://pedagogiaaopedaletra.com/pedagogo-projetos-trabalho/
Editoras	Exercem funções na elaboração de materiais didáticos utilizados no processo de ensino e aprendizagem de escolas e de outras instituições. Eles também podem produzir conteúdos disponibilizados em outros canais - como rádio, TV, sites, revistas e até mesmo em aplicativos e em softwares. Disponível em: https://www.editora2b.com.br/blog/o-que-faz-um-pedagogo

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Ao observarmos os dados representados na tabela acima, chegamos à conclusão que o educador é o profissional que vai atuar em uma área muito abrangente, dando-lhe diversas opções, que irão exigir saberem docentes (seja em ambiente escolar ou não), e visa apoiar e implementar esses saberes em diferentes atividades.

O currículo pedagógico do curso de pedagogia da UFAL campus do Sertão, não se limita à formação do profissional apenas na docência ou em ambiente escolar, mas inclui também o profissional que deve exercer a função docente em ambiente não escolar. Esses foram alguns dos depoimentos:

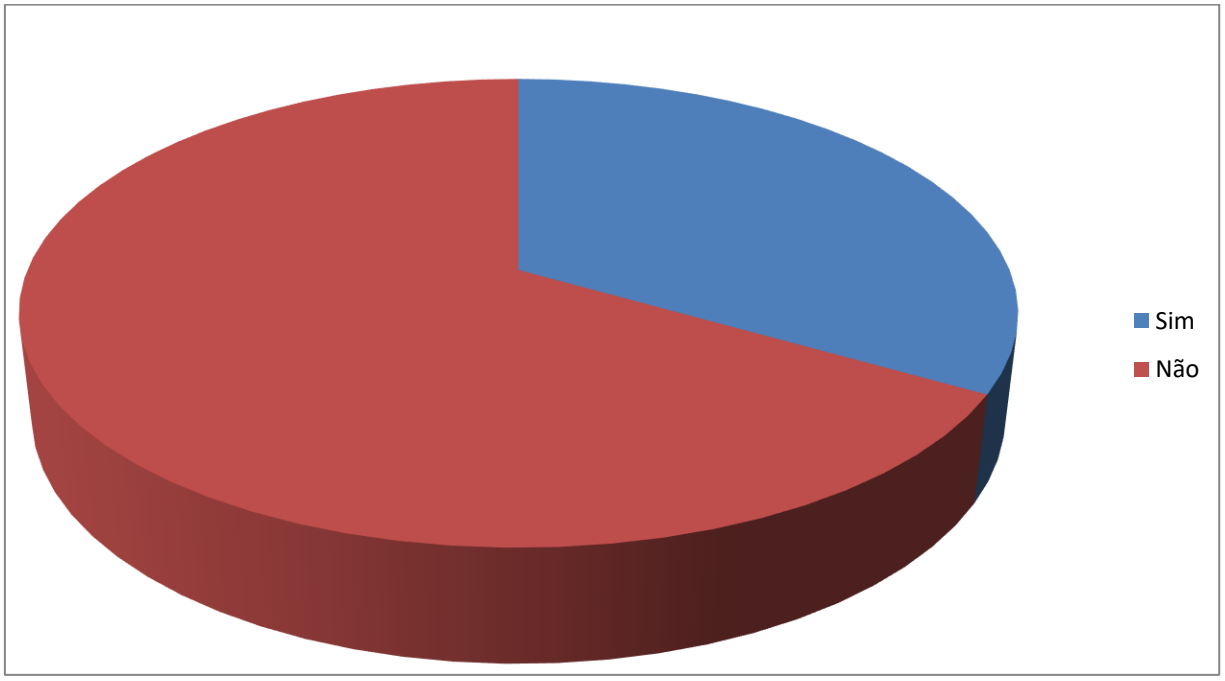
> Por ser um curso amplo na atuação do graduado, a o escolhi por que tenho a opção de escolher onde eu possa vim atuar, seja desde uma sala de aula da educação infantil, ensino superior ou em uma ong.(Dias, 2° período, 22 anos).
>
> A grade curricular do nosso curso é ampla, assim proporcionando ao profissional, seguir inúmeros seguimentos. (Alfa, 23 anos, 4° período).

Felizmente, o campo de atuação dos pedagogos ultrapassou os muros das escolas. Onde o pedagogo tem vários segmentos para fazer a escolha de onde trabalhar não ficando apenas preso ao piso de uma sala de aula. Fora da sala de aula, os educadores podem desempenhar papéis diferentes em ambientes escolares e não escolares.

Partindo dessa premissa, no decorrer do processo de coletas de dados surgiram então outros questionários norteadores designados à questão da escolha acirrada pelo curso, muito

pertinentes foram às respostas dos estudantes ao questionarmos se o curso escolhido teria sido à primeira opção, o que realmente eles desejavam almejar.

Gráfico 2 - O curso de Pedagogia foi á primeira opção



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Diante dos dados obtidos, podemos perceber que a maioria dos entrevistados afirmou que o curso escolhido não foi à primeira opção, entretanto isso esta entrelaçada no que diz respeito à questão dos discentes terem em mente outros cursos.

Como ressalva Cardoso ex-aluno com o curso recém concluído: *"Minha primeira opção era engenharia de petróleo, mas, na época era inviável para mim".*

Como também contempla (Souza, 6º período):

> Eu sempre tive uma inclinação maior para a área de línguas, desta forma eu tinha intenção de ser professor de português. Ironicamente eu não me sentia confortável com a ideia de cursar Letras. Acho que pelo fato de muitas pessoas afirmarem que era a minha área, assim me vi cumprindo uma obrigação para agradar os outros. De última hora decidi iniciar estudando as bases da educação, e escolhi cursar Pedagogia, que foi uma ótima escolha, por sinal.

O que nos fez acreditar que as maiorias dos alunos caíram de paraquedas no curso, por optarem por cursar, apenas para agradar um parente, que em algum momento falou que ele teria que cursar esse ou aquele, sem pensar que na maioria das vezes aquele sujeito possui admiração por outro ou uma área distinta.

Tendo em vista aqueles que optam pelo curso, mas não tem interesse em lecionar na educação infantil, pois possuem outros objetivos referentes à graduação: como relata Fausto 4° Período *"A meta que mais anseio é lecionar no nível superior".*

Assim como tem aqueles que pretendem de fato atuar na área, como relata o discente (Silva, 6° período):

> Afinal o curso o qual escolhi possibilita a lecionar nessa área da educação. Somos preparados para atuar na área, qual seria a impossibilidade do estudante do curso de pedagogia não lecionar? Já que a grade curricular do curso tem disciplinas que preparam o pedagogo para tal, enquanto professor de pedagogia seria um orgulho para me trabalhar nessa área.

Também comtempla (Pereira, aluno do 6° período), a respeito desse desejo em lecionar na educação infantil:

> Apesar da pedagogia, ter bastante áreas de atuação em diversos seguimentos e modalidade diferentes, mas a educação infantil é um dos desafios que desejo enfrentar ao lecionar, por se tratar de uma etapa desafiadora, principalmente a nos pedagogos do sexo masculino, quebrando esse tabu de que a educação e apenas lugar para mulheres e que nós não somos capazes de atuar.

Diante das informações exposta a acima, percebemos que os alunos do curso de Pedagogia da UFAL-SERTÃO, em sua minoria tem interesse em lecionar na Educação Infantil. Aqueles que cujos cidadãos não ligam e muito pouco se importam para o que a sociedade acha ou pensa a respeito da sua escolha.

No entanto Ehrenberg (2004, p. 24.) afirma:

> Os alunos não precisam apenas decidir para qual universidade ir, eles também precisam decidir qual campo específico desejam estudar e qual carreira desejam ingressar. Não é de surpreender que as escolhas dos cursos dos alunos sejam fortemente influenciadas pelas oportunidades econômicas da carreira para a qual estão se preparando e também estão sujeitas a condições não monetárias no emprego dessas ocupações, seu conhecimento e a composição por gênero das pessoas que exerceram essa ocupação.

No decorrer dos relatos dos entrevistados, surge então uma questão voltada ao curso, onde se foi questionado; se em algum momento de suas trajetórias já sofreram algum tipo de preconceito no curso de pedagogia, por esta inserida em um curso/ambiente composto majoritariamente pela figura feminina. E a resposta foi bem clara, onde eles afirmam que nunca passaram por nenhuma situação preconceituosa, no entanto, já ouviram críticas.

Segundo (Souza, 6° período) relatou o seguinte:

> Preconceito? “sofrer?”Não! Críticas sim,!Questionam porque a área para atuar se e uma profissão menos desvalorizada e o salario e bem baixo em comparação a outras profissão. Pois nunca permiti que ninguém me destratasse ou humilhasse.

A maioria dessas críticas está ligada ao ganho salarial do professor principalmente na rede de ensino pública, ou seja, pela desvalorização da categoria do professor. Podemos dizer que os professores brasileiros nunca receberam bem, conforme veremos: Campos (2002, p. 2-5) explica que nossos primeiros professores das primeiras letras, após a expulsão dos jesuítas, em 1759, pelo Marquês de Pombal, foram os membros das outras ordens religiosas instaladas no país que atuavam em escolas monásticas, os capelães de engenho e alguns poucos "mestres-escolas" (leigos nomeados para cobrir os lugares vagos). Assim, a autora diz que "esses mestres legaram aos professores atuais o desprestígio da profissão, assim como uma tradição de má remuneração conjugada com a não preparação e inclinação para improvisação".

À medida que se foi relatado sobre a presença da figura masculina em um lugar predominante feminino, foi questionado aos entrevistados o seguinte’: Concorda que o curso de pedagogia e a área da educação infantil é apenas lugar das mulheres?

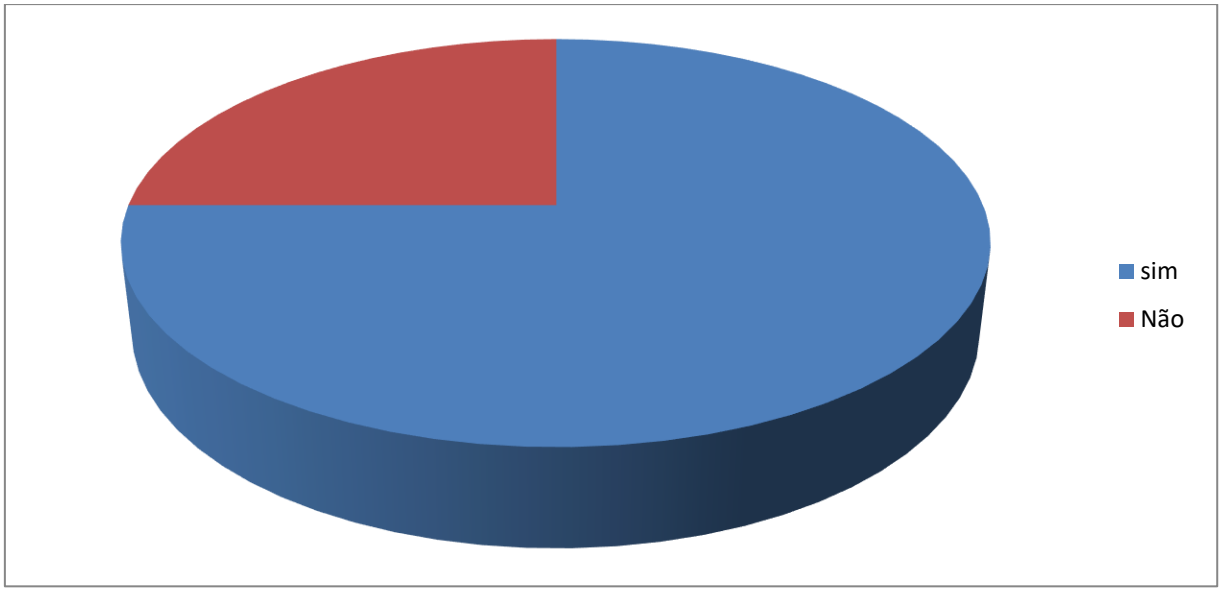
E obtemos os seguintes resultados:

> Não concordo, essa é uma imposição machista histórica, marcada pelo preconceito e é esse um preconceito que precisa ser desconstruído. Estando eu um cidadão crítico formado para atuar na área estarei apto pelo título de pedagogo qual mim foi concedido para tal. O que existe é uma ideia social, na qual as pessoas acreditam que a área da educação seja mais direcionada para as mulheres, consequência do machismo ao longo da história. (Silva e Souza, alunos do 6° período).

Compreendermos que de fato essa problemática está relacionada a uma questão cultural e social construída historicamente por uma sociedade machista, e afeta diretamente a estrutura de certas áreas de atividade, por se originar o ato do cuidar e educar a figura feminina, por remeter ao principio da maternagem, pois seria só elas possuem o dom e a delicadeza de lidar com crianças pequenas. Mas independentemente em ser homem ou mulher, os dois está hábitos a profissão, no entanto os mesmos possuem a preparação adequada para exercer a função.

Ao falarmos dessa preparação, que os discentes possuem independentemente do seu sexo, no decorrer da graduação para possível atuação, foi questionado, se de acordo com a relação e as experiências vividas na UFAL – SERTÃO, se de fato durante a graduação haveria uma preparação adequada para alunos do sexo masculino para atuar na educação infantil, e os resultados serão apresentados no gráfico a seguir:

Gráfico 1- A UFAL-Sertão prepara os discentes para atuarem na Educação Infantil



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

De acordo com os dados obtidos no gráfico, observamos que a UFAL prepara sim, seus alunos para atuar nesta área independentemente de ser homem ou mulher, os preparando durante os quatro anos da graduação, independentemente de ser homem ou mulher, mas de forma homogênea. Sendo ela responsável pela formação de profissionais de nível superior, sua principal função e promover ensino de qualidade afinado com os desafios da sociedade contemporânea.

Alguns depoimentos relacionados:

> "Sim, profissionalmente me senti capacitado para atuar na minha época de estagiário, mesmo com a insegurança da falta de experiência. Como figura masculina, fui instruído sobre possíveis acontecimentos que poderia ocorrer, o que me possibilitou preparar-me ainda melhor" (Cardoso, curso concluído)

Desse modo a universidade tanto prepara seus discentes para atuar na área, quanto também os fazem perceber as dificuldades que eles posam vir enfrentar no decorrer da sua atuação no mercado de trabalho, como a questão do preconceito, o olhar de negatividade voltado a ele, uma vez que o mesmo e visto como "lobo mal", por aqueles que estão ao seu redor, a priori uma questão tratada é vinda de um processo histórico ainda em desconstrução.

No entanto, o curso apresenta disciplinas que com frequência trazem autores (as) e pesquisadores (as) que abordam este tema e as questões relacionadas a gênero. E ao serrem discutidas em sala de aula, traz a bordo a diferenciação entre os gêneros masculino e feminino,

nos dando à preparação sobre como lidar com os preconceitos por parte da sociedade, no entanto hoje é algo que apenas a experiência pode ensinar o que já é um preparo para a realidade ao ser enfrentada ao lecionar na educação infantil.

O Curso de Pedagogia do Campus Sertão tem entre seus objetivos a formação de um profissional que conceba o fenômeno educativo inserido no processo histórico; que responda criticamente aos desafios que a sociedade lhe coloca; que atue de forma reflexiva, crítica, cooperativa, com ética e conhecimento fundamentado, com habilidades para levantar problemas e, principalmente propor alternativas de intervenção para a educação básica.

No entanto, ao contrário da imaginação de muitas pessoas, uma licenciatura em pedagogia é mais do que apenas "ensinar para se tornar um talento." Um educador é um profissional completo e qualificado que pode atuar em diversos campos que requerem conhecimentos de sociologia, psicologia, filosofia e educação.

Historicamente, as características de gênero dos educadores se inverteram porque a princípio era uma maioria masculina e posição altamente reconhecida. No século XX, era feminilizada e infelizmente foi ignorada, mas ainda está sujeita a isso, o problema precário da profissão. Nesta perspectiva, o numero de discentes masculinos formados no curso de pedagogia da UFAL vem sendo insignificante, deixando muito a desejar.

> A Universidade não formou muitos homens (...). Diante da experiência com o público masculino na área de Pedagogia, percebe-se que há baixa procura, além dos mesmos discutirem em reunião a questão de preconceito quando a questão é trabalhar na área da Educação Infantil. Dos poucos que conheço, creio que nenhum trabalha na educação infantil e seguiram caminhos diferentes, como cursarem outras graduações, assim como trabalhar em outro segmento. (Voss, coordenadora do curso).

O curso de pedagogia da UFAL-Sertão, nesse período de 10 anos da sua existência não formou muitos homens pedagogos, no entanto a procura pelo curso na instituição é muito pequena. Compreensivelmente, o processo de formação educacional é a base para a formação da identidade profissional. Ao exercer o verdadeiro papel de estrutura social estratificada, a educação tem a responsabilidade de formar a subjetividade individual, condizente com o mecanismo de demarcação social.

INVESTIGANDO A ATUAÇÃO (OU NÃO ATUAÇÃO) DE PEDAGOGOS FORMADOS NA UFAL NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

TEM PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL SIM: DA FORMAÇÃO A ATUAÇÃO

> "Sim, somos essa minoria sim! Mas não por representarmos uma pequena porcentagem atuando na educação infantil. Mas pelo simples fato de fazermos a DIFERENÇA" (Corrêa, Professor).

A docência masculina na educação infantil ainda nos dias de hoje, se encontra muito atrelada à figura da mulher, professora, mãe, sem citar é lógico a eternizada tia, diante isso a figura masculina é de certo modo rejeitada, pela própria comunidade escolar. E possível notar algumas mudanças de olhar e um aumento da presença masculina na Educação Infantil. O número de homens na Educação Infantil aumentou na última década, os estudos nessa área ainda são de certa forma escassa.

Da mesma forma, quando pararmos para visitar uma escola de Educação Infantil, percebe-se que esta é uma área de atividade profissional marcada pela presença feminina. A Educação Infantil desenvolve-se naturalmente em um espaço feminino, o que acaba por dificultar a constituição da profissão de professor de Educação Infantil e a definição dessa profissão.
Como afirma Deborah Thomé Sayão (2005),

> Se o gênero é constitutivo das relações sociais entre homens e mulheres, obviamente pensar as ações no interior da creche implica pensar em relações engendradas não só do ponto de vista da identidade dos/as profissionais, mas também do ponto de vista das ações que os/as mesmos/as exercem sobre as crianças (p. 44-45).

Nesse sentido, a Educação Infantil se estabelece por meio do trabalho cotidiano de homens e mulheres, e não determinado pela estrutura de gênero, que se tornará a pedra angular do setor.
Ao Focarmos no processo da feminização da docência, especialmente na área da Educação Infantil, questionamos três professores sobre os motivos e as circunstâncias que seguiram na escolha da profissão de educador e na utilização da Educação Infantil como espaço de ação. No entanto posicionar e escolher uma profissão importante significa abrir mão de outras possibilidades.

Com o intuito de compreendermos, os motivos pelas tais escolhas dos professores, trazemos alguns depoimentos:

> Bom! Minha escolha se deu pelo motivo de gostar de criança, simplesmente não sei explicar, por ter tido um ótimo professor que me inspirou e pela tentativa de fazer mudanças na sociedade. (Professor Alcântara.)
>
> Minha mãe era professora e tudo começou na minha infância, ela foi à pessoa que me incentivou a escolher essa careira de educador. E hoje não me arrependo nem um pouco da profissão que eu escolhi. (Professor Araújo).
>
> Por gostar de ser professor, pois sempre na minha infância eu parava para observar meus professores da educação infantil, e esses professores me incentivaram na minha escolha. (Professor Souza).

Em relação às motivações para a escolha da profissão, os professores direcionam, entre outras razões, relatos da infância vivida ou da adolescência, como períodos essenciais, em um futuro próximo, as pessoas estão ansiosas por buscar qualificação profissional para manter as práticas que desenvolvem com seus filhos ou fazer recomendações familiares.

Toda profissão e decorrente de um curso, no entanto todo curso se da através de uma escolha, surgem questionários diariamente sobre a escolha do curso pelo qual optamos por cursar. Considerando a livre escolha das profissões, e o fato de serem questionados, para obtermos fatos concretos, dois entrevistados mencionaram o seguinte: *Não! nunca fui questionado. Sou apenas de fato me tratado com admiração. (Professor Alcântara).*

> Sempre há questionários a respeito das nossas escolhas sejam eles de formas indiretas ou indiretamente. A princípio me perguntaram: Nossa por que professor? Tem tantos outros cursos, porque não ser professor de educação física? Ah, professor de educação física é melhor que professor de educação infantil, mesmo que você seja homem entre tantas mulheres, num curso totalmente feminino. (Professor Araújo).

Nesses depoimentos, foi compreendido que de qualquer forma sempre haverá questionamentos a respeito das escolhas do curso para o ensino superior, como também muitos professores são recebidos com carinho e atenção ao adentrarem em um ambiente educacional. Desencadeando uma serie de manifestações em meio à sociedade. A escolha profissional dos professores também foi questionada, considerada como uma transgressão à norma instituída.

Em meios a várias mudanças na relação entre gênero e profissão à existência de homens engajados na educação e no cuidado de crianças pequenas, especialmente a situação coletiva das crianças de 0 a 5 anos e 11 meses[2], ainda é bastante reduzida, embora ainda crescente. A fim de compreendermos melhor essa questão da presença do sexo masculino na Educação

[2]Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 – amplia o Ensino Fundamental para nove anos de duração e a educação infantil passou de 0 a 6 para 0 a 5 anos e 11 meses., com a matrícula de crianças de seis anos de idade e estabelece prazo de implantação, pelos sistemas, até 2010.

Infantil, foi questionado aos professores se eles concordariam que a área da Educação Infantil e apenas lugar para as mulheres.

Vejamos a seguir alguns comentários:

> Não! Pois o curso e amplo e nos oferece varias possibilidades de atuar no mercado de trabalho. (Professor Araújo)
>
> De forma alguma, afinal e um lugar heterogêneo composto por meninos e meninas, então de fato pode ser composto por professores e professoras também. (Professor Alcântara)

Através dos relatos, podemos perceber que de fato os professores não concordam com a ideia de que a Educação Infantil seja apenas lugar de mulher, onde os dois profissionais estão aptos a realizar o procedimento. Sempre foi visto com bons olhos a questão da presença masculina no universo da educação infantil. A presença masculina dá uma quebrada também nessa coisa, da criança, teve sempre a professora, veio o professor, então a figura muda, não é mais a professora, a tia, de repente vem o pai, na hora.

Porém, a presença do homem é necessária nesse universo infantil já que ele representa as características masculinas que são importantes para as crianças nessa faixa etária (SAPAROLLI, 1996).

Na educação infantil, o homem por muitas vezes podem ser confundido pela criança com a figura dos seus pais, nessa perspectiva, usarão dessa semelhança para atuarem dentro da sala de aula de forma semelhantes a da mulher, o que contribuirá para a educação infantil.

Hoje, apesar da baixa incidência, ainda existe homens atuando como professor na Educação Infantil, comparado com o passado. Os homens que atuam como professores de Educação Infantil se depararam com outro questionamento, que estão interligados quanto preconceito ou descriminação.

Na Educação Infantil, há uma tradição de maternagem, que é, social e culturalmente, associada à mulher. Isso vem mudando gradativamente. Diante de noções de masculinidade suprema e de concepções de infância que permeiam o imaginário social, a presença, em um mesmo espaço social, do homem e da criança, como ocorre na educação infantil, surgi assim questionamentos preconceituosos entre esses dois sujeitos históricos.

A respeito desse preconceito, foi questionado aos professores se por algum motivo algum deles já sofreu algum tipo de preconceito ou descriminação por atuarem na educação infantil, seja por parte dos pais dos alunos/pais/direção/colegas de trabalho. E obtivemos os seguintes comentários:

> Não, muito pelo contrario, sempre fui bastante respeitado, tanto pelos pais dos alunos quanto pelo corpo diretivo que compõe aquele ambiente educacional, só um pai que chegou a me confundir com o porteiro. (Professor Alcântara)

> Sim, me aconteceu tanto por parte dos pais quanto da direção, no principio ao chegar à sala de aula fui questionado pelo pai da criança o que eu estaria fazendo naquele espaço juntamente com todas aquelas crianças, e rapidamente o questionou onde estaria a professora? Falei pra ele em seguida: oi! Bom dia seu moço! Então sou o professor da turma. (Professor Araújo)

Nesses depoimentos, desponta com força a desconfiança e o medo que os pais manifestam acerca da figura masculina no contexto educacional infantil, refere-se não só à presença do homem na função de professor, à sua escolha profissional, mas também aos procedimentos adotados em momentos de cuidados corporais e à orientação sexual das crianças, remetendo ao profissional a questão de um suposto abusador sexual.

Diversas são as dificuldades enfrentadas por esse publico entre essas dificuldades esta a homofobia seguida do preconceito, onde parte da ideia de que homens são incapazes de lidar com crianças por serem indelicados ou autoritários, o pressuposto histórico de que o cargo se trata de um trabalho feminino, o medo dos pais da pedofilia e assédio sexual, além da concepção de que a docência é uma carreira pouco rentável para homens que querem formar uma família.

De acordo com Silva (2014), esse estranhamento com um homem em sala de aula é o resultado de uma padronização sexista da profissão e da formação do profissional para essa faixa etária. Essa padronização cristaliza a compreensão sobre a relação dos pares na atuação docente, fazendo com que a preservação da diversidade também na identidade docente seja subjugada por essas concepções inflexíveis sobre o ser professor na educação infantil. O estranhamento da família e até de muitos profissionais que atuam na Educação Infantil faz com que os homens sejam “obrigados” a provar suas competências e habilidades, algo que não acontece inicialmente com a figura feminina.

Ao se pensar nesse relacionamento tão próximo entre o homem e a criança como é a convivência do professor com o aluno, logo se edificam medos como (...) “a associação da figura do professor, homem, docente que não gosta de mulheres; “ele é gay”; e a pior de todas,

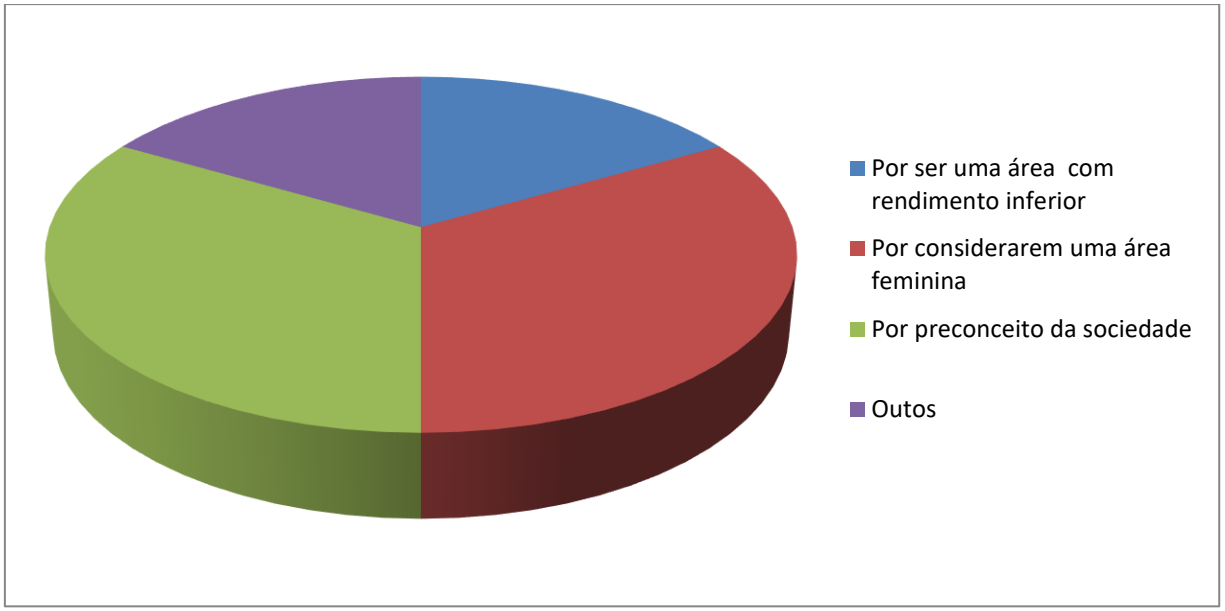
mais preconceituosa e perigosa o discurso e a ideia associativa do professor homem na educação infantil a um pedófilo" (SILVA 2014, p.60).

As crianças dentro do ambiente escolar precisam se adaptar dessa realidade, dessas influências mútuas, professora e também de professor para que elas tenham a possibilidade de conhecer de forma plural as relações que permeiam a vivência da escola que nada mais é do que um reflexo das relações da sociedade. Costa (2007, p. 13) menciona com bases em estudos lusitanos sobre a temática: "(...) a presença masculina, além da feminina, nas organizações escolares dos primeiros níveis, no sentido do desenvolvimento integral das crianças e no intuito da maior visibilidade dos elementos masculinos do estatuto sócio profissional". Entende-se que o ensino para essa faixa etária, não pode ser traduzido pelo predicado materno, mas de acordo com Silva (2014) deve ser competência de quem está habilitado e qualificado para ensinar, para mediar o conhecimento independentemente de sua definição de sexo.

A escassez de homens no trabalho docente com crianças não representa novidade seja no cotidiano das instituições de Educação Infantil, seja na produção acadêmica da área. O que muitas vezes se apresenta como inovador e até mesmo alvo da admiração de favoráveis e contrários é a presença masculina na docência com crianças. Com o intuito de entendermos o motivo de existir poucos homens na EI, foi questionado aos professores o seguinte; em sua opinião, porque existem poucos homens que querem atuar na educação infantil?

E obtivemos os seguintes resultados apresentados no gráfico a seguir:

Gráfico 2- Motivos de existir poucos homens que querem atuar na Educação Infantil



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Considerando, pois, as respostas obtidas dos docentes, percebemos que os motivos mais comentados pelos entrevistados foi por ser uma profissão considerada feminina, por esta ligada a feminização do magistério, centrada na questão da maternagem e no binômio educar e cuidar, e por parte do preconceito da sociedade, onde a maioria desses profissionais tem sua masculinidade exposta, ao escolherem a educação infantil como ambiente para atuar.

O preconceito, esse fenômeno vem do termo: Androfobia – Durante muito tempo, a educação foi responsabilidade da mulher, já que esta era possuidora de "dons naturais para cuidar", tornando a educação infantil uma vocação, e não uma profissão. A questão do preconceito infelizmente é uma herança da cultura paternal. Mas o professor homem não pode se abalar, deve mostrar que é capaz de exercer a profissão de igual para igual.

Segundo Bourdieu (1999, p.75) quando um homem ocupa uma profissão considerada feminina, duas situações opostas podem surgir: além da incapacidade da pessoa de derrogar, ele não pode menosprezar o fato de que executa certa tarefas socialmente designada como inferiores ao seu sexo, e existem outras razões, porque esta ideia está excluída. Ele pode fazer isso, pode ser nobre e difícil para os homens se engajarem nas mesmas ocupações, enquanto pode ser trivial e imperceptível para as mulheres se engajarem nessas ocupações, fáceis e fúteis.

Nessa perspectiva, um homem pode se tornar vítima de preconceito no setor, ou sua participação pode tornar o setor mais valorizado.

> A presença masculina na docência da Educação Infantil tem se mostrado pouco representativa para que sejam possíveis mudanças nesse sentido e, as razões que mantêm o homem afastado dessa profissão ainda têm mitos e ideias arraigados sobre masculinidade, espaço profissional ocupado preferencialmente por mulheres, além dos baixos salários, condições inadequadas de emprego e baixo status da profissão. (SAPAROLLI, 1996, p.39).

Carvalho (1998, p. 88), comenta sobre estereótipos e opiniões sobre ao homem que lida com crianças pequenas:

> Trata-se de pessoas do sexo masculino, lidando quotidianamente com expectativas, conceitos e tarefas culturalmente associados à feminilidade e que, uma vez que a estreita correlação entre feminilidade e mulheres, masculinidade e homens também é um pressuposto estabelecido, são igualmente expectativas, conceitos e tarefas estreitamente associadas às mulheres.

Esse fator e relativo por se da através da visão preconcebida de que a sala de aula ser apenas lugares onde as mulheres possam atuar e os homens em outros setores. A profissão docente envolve todo o quadro histórico e social, implicando “Missão”, esta tarefa é mais do que uma compensação financeira em si e Isso faz com que o professor pense que nasceu para isso e que é um “dom” pessoal.

A associação da profissão docente ao gênero feminino na educação infantil se justifica por uma relação entre o cuidar e educar existente na sala de aula da educação infantil. Esses aspectos se refletem na identidade do professor e Parentes (tias, mães) e atendem às necessidades básicas dos filhos.

O estilo de vida dos homens e mulheres depende de toda a sociedade, da estrutura cultural e histórica, o que faz com que a masculinidade e a feminilidade marquem cada pessoa de um determinado local e momento.

Para tentarmos compreender o porquê a docência esta voltada à figura feminina, foi-se questionado aos professores o seguinte: Muitas pessoas associam a profissão docente ao gênero feminino. O que você enquanto professor diria a essas pessoas? E obtivesse os seguintes comentários:

> Não! Bom. Que de certa forma e um lugar de atuação em que qualquer pessoa que deseje e se prepare para isso pode exercer naturalmente a profissão. (Professor Alcântara)

> Independentemente de existir essa suposta associação, a educação infantil e lugar de ambos os sexos atuarem, no entanto se há professores homens na educação infantil e porque o mesmo teve esse lugar conquistado. (Professor Souza)

Note-se que, embora todos acreditem nesta correlação, percebemos que os professores mesmo diante de uma situação como essa tendem em se explicar levando considerações uteis com o intuito de quebrar um pouco esses paradigmas construídos cultamente por uma sociedade ainda hoje com vestígios do patriarcado.

Ao vincular a origem da educação infantil às mulheres, Rosemberg (1999), justifica essa associação à característica vinculada à "produção humana". De acordo com a autora:

> A educação infantil – tanto na vertente creche quanto na vertente pré-escola – é uma atividade historicamente vinculada à "produção humana" e considerada de gênero feminino, tendo, além disso, sido sempre exercida por mulheres, diferentemente de outros níveis educacionais, que podem estar mais ou menos associados à produção da vida e de riquezas. Isto é, diferentemente de outras formas de ensino, que eram ocupações masculinas e se feminizaram, as atividades do jardim-da-infância e de assistência social voltadas à infância pobre iniciaram-se como vocações femininas no século XIX, tendo ideais diferentes das ocupações masculinas que evoluíam no mesmo período. (ROSEMBERG, 1999, p. 11)

Do ponto de vista da naturalização ideológica, existem dois princípios organizacionais em funcionamento: o princípio da separação, que leva em conta a existência de empregos masculinos e femininos, e o princípio hierárquico, segundo o qual o trabalho desempenhado pelos homens tem mais funções do que as desempenhadas pelas mulheres.

Esses professores passam por inúmeras dificuldades ao longo de suas carreiras, e através disso educar tornou-se uma profissão de amor e coragem. Muitas são as dificuldades que esses profissionais passam diariamente no seu ambiente de trabalho. Para entendermos essas dificuldades passadas por esses professores, foi questionado o seguinte; quais as vantagens e dificuldades do seu fazer docente pedagógico, enquanto professor homem:

E obtivemos os seguintes resultados:

> As vantagens e dificuldades propiciadas pela profissão no campo pedagógico são as mesmas independente de gênero. Pelo menos na minha experiência educacional, pois particularmente não enfrentei problemas com relação a isso. (Professor Alcântara)

> A dificuldade mais recorrente em minha trajetória de educador na educação infantil, foi o fato de ser o único professor homem na escola em que eu atuo, na época do meu ingresso, mas eu estava ali com um proposito, lecionar, e independentemente nada e nem ninguém iria me impedir de realizar meu trabalho. E a vantagem, se centrava na mesma pegada por ser o único homem na escola, estaria eu ali sendo e fazendo a diferença. (Professor Araújo)

Através dos relatos dos professores, entendemos que quando algo e realizado com amor, carinho e determinação tudo pode ser realizado, O cenário remonta aos desafios enfrentados pelos professores do sexo masculino na educação infantil, segmento marcado pela presença feminina. Pais, responsáveis e até colegas de profissão têm preconceitos baseados em estereótipos de gênero e falta de conhecimento geral da sala de aula.

Portanto, os professores que trabalham com crianças marcam a história da educação por meio da matrícula e da permanência na educação infantil. Portanto, acredita-se que, por meio da realização das entrevistas, suas marcas serão registradas neste trabalho de pesquisa, sejam quais forem às motivações para estarem na educação infantil, elas ultrapassam os limites de qualquer resistência.

A análise das trajetórias desses professores mostra que, para os homens, a educação infantil é um campo de ação possível e, no cotidiano, outras concepções de masculinidade podem surgir, incluindo cuidado e educação, bem como escolhas para os homens. Uma carreira docente específica para crianças, como possibilidade para os sujeitos do sexo masculino.

CONSIDERACÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo analisar como funciona o acesso, permanência, evasão e conclusão de discentes do sexo masculino matriculados no curso de pedagogia da UFAL, descrevendo as possibilidades e dificuldades de atuação docente na Educação Infantil, destacando as razões históricas e sociais que tem contribuído para desenvolver preconceitos acerca do gênero masculino na educação infantil, desmistificando e esclarecendo padrões de gênero relativo à profissão docente.

Compreendemos que o peso da escolha do curso, o que levará a carreira profissional, não e nada fácil, ao ingressar a UFAL-Sertão, os discentes enfrentam uma série de barreiras, pois isso estar interligado a diversos fatores, como: por não conseguir conciliar o estudo com trabalho, pois na maioria das vezes possuem suas próprias famílias ou tem que ajudar os pais com as despesas, por deixar de estudar uma área por que um ente querido deseje que ele curse outra, pelo fato do curso que tanto sonhou deixar de ser a primeira opção e vim a ser um segundo plano, no entanto quando o aluno e aprovado em uma universidade Pública e apor cima uma Federal, o mesmo começar a descobrir da sua capacidade.

Se no período de ingresso já estão exposto a esse tipo de aprovação e já não esta sendo nada fácil, e no percurso formativo que muitos acabam por desistirem por acreditarem que estão ali por estar, que não se identificam com a profissão, a questão do preconceito por ser uma área considerada feminina, que o as disciplinas estão pesando, que estão se sentindo sufocados, pois o curso exige muito, etc.

Muito poucos são aqueles que chegaram à reta final, com o tão sonhado diploma em mãos, que estão ali por que mereceram e acreditavam em sua capacidade, que futuramente estarão atuando na área desejada, que não importam o que eles terão que enfrentar, e estarão ali realizando seu trabalho com todo amor e dedicação, sem se importarem com o preconceito, as piadas e os olhares de reprovação.

A presença de homens na educação infantil é um fenômeno raro frente à histórica predominância do gênero feminino no trabalho docente com crianças. Afirmar a escassez de homens no trabalho docente com crianças não representa novidade seja no cotidiano das instituições de educação infantil, seja na produção acadêmica da área. O que muitas vezes se apresenta como inovador e até mesmo alvo da admiração de favoráveis e contrários é a presença masculina na docência com crianças. Os fatores econômicos, culturais, sociais, etc. contribuem para as dificuldades de acesso de homens na educação infantil.

Nas análises das trajetórias dos professores, obviamente, além dos desafios inerentes ao ensino da primeira infância, para os docentes do sexo masculino, nesta fase da formação, as dificuldades relacionadas às concepções hegemônicas masculinas têm se mostrado incompatíveis com o ensino. Os problemas na trajetória desses sujeitos revelam como o conceito de feminino/masculino se polariza em nossa sociedade e a perspectiva de relacionamento necessária para compreender as relações de gênero na profissão docente.

No mesmo sentido proposto por Simone de Beauvoir (1980), não só a mulher não nasce mulher, mas torna-se mulher, como também o homem, no decorrer de suas relações sociais e culturais, torna-se determinado homem, com características, preferências e formas de expressão próprias, podendo condizer ou não com as noções de masculinidade hegemônicas em sua comunidade.

Em suas trajetórias esses professores nos mostra que a educação infantil é uma área de atuação plausível tanto para homens como para mulheres, em seu cotidiano, outras concepções de masculinidade podem surgir, incluindo cuidar e o educar, e a possibilidade de escolha de uma profissão docente específica para crianças do sexo masculino.

No entanto, para se adequar à sua profissão e buscar motivos de escolha, essas pessoas, é claro, também estão introduzindo contradições e dando um novo significado às práticas e aos comportamentos. Eles mostram que existem ocupações masculinas, formas de cuidar de crianças relacionadas à masculinidade e costumes diferentes dos professores por envolverem mais claramente uma gama mais ampla de atividades esportivas, de competitividade e autoridade, mas ainda incluem costumes de puericultura. Eles mostram que existem elementos do caráter de um homem que são considerados femininos pelo senso comum. Em um ambiente social conservador, a divisão de papéis e funções entre homens e mulheres é extremamente rígida, essas atitudes são inovadoras e certamente representam sinais de mudança.

A educação infantil deve ser o foco das discussões governamentais, seja em nível estadual, municipal ou federal. E investir na qualificação de profissionais para que possam cuidar de seus filhos em todas as suas necessidades. Portanto, é necessário recomendar investimentos em cursos de graduação e educação continuada, para que os profissionais que já atuam ou desejam se dedicar à educação, especialmente à educação pré-escolar independente do gênero, possam obter experiência de formação continuada.

Com o intuito de responder a um questionário evidenciado no final do tópico intitulado por: A emigração do homem na docência e o ingresso da mulher na p.36, desta presente pesquisa. É importante considerar, neste momento, há ausência a de profissionais do sexo masculino na educação infantil pode ser explicado como resultado de valores sociais, em que e notável a divisão de tarefas entre os gêneros é óbvia.

O trabalho em todos os aspectos de higiene, alimentação, formação de valores e o que constitui uma educação responsável e responsável não depende do gênero do indivíduo. Uma sólida formação proporciona aos profissionais seguranças e capacidades abrangentes, capacitando-os a lidar com situações em que a família os considera mais vulnerável (como a comunicação de saúde de crianças com deficiência, ou o estado de saúde de crianças que ainda precisam de ajuda de adultos). É a escola mais trivial no trabalho diário.

Hoje em dia, pouco se ver um homem (enquanto função de pai) cuidar dos filhos, não só porque essa função é considerada feminina, mas também porque na cultura brasileira as pessoas tendem a pensar que os homens são menos cautelosos ou menos confiáveis, mais impulsivos, mais violentos e até, vistos como potenciais abusadores.

Entendeu-se que o professor homem, com a sua singularidade era de suma importância para o processo educativo, interferindo no processo de ensino e aprendizagem das crianças e na configuração das masculinidades e feminilidades, tanto dos professores, como também dos alunos e alunas, possibilitando marcas e contribuições significativas na vida da comunidade escolar.

A falta de figura masculinos na escola é uma perda, pois nos primeiros anos de criança, ela começa a desenvolver seus fundamentos psicológicos, emocionais, sociais e cognitivos. Em suma, quanto mais professores homens surgissem nesse campo profissional, melhor seria para a equidade de gêneros e desconstrução dos referenciais, promovendo assim, permanente ressignificação de espaços e papéis sociais.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marília Pinto de. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Xamã/FAPESP, 1998.

COSTA, C. E.C. **Tem homem na escola!!! Um olhar sobre o corpo / identidade masculina na educação/saúde.** Tese (Doutorado em ciências). Fundação Oswaldo Cruz. Instituto Fernandes Filgueira. Rio de Janeiro, 2007.

EHRENBERG, R. **Econometricstudiesofhighereducation. JournalofEconometrics**, n. 121, p. 19-37, 2004.

MOEHLECKE, S. **Avaliação institucional no ensino superior: como acompanhar a trajetória dos estudantes de graduação? UFRJ**. (2007),disponível em: http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/401. pdf, acessado em 05/07/2020.

ROSEMBERG, Fúlvia**. Expansão da educação infantil e processos de exclusão.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 107, p. 7-40, jul. 1999.

SAYÃO, Débora Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: um estudo de professores em creche**. Dissertação (Doutorado em Educação)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SAPAROLLI, Eliana Campos Leite. **A educação infantil e gênero: a participação dos homens como educadores infantis.** Psicologia da educação: revista do Programa de estudos pós-graduados em Psicologia da educação.São Paulo: EDUC, n. 6, 1996, p. 107-125.

SCOTT, Joan Wallach. (1995). **Genêro: Uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, PP. 71-99.

SILVA, C. P. **Docência Masculina da Educação Infantil: Impressões de um iniciante. Gênero e Raça em Discussão**. São Paulo: Paco, 2014.

TOZZI, M. **Escolha da Profissão. Revista Engenharia e Construção, nº.**88, p. 10 e 11, janeiro de 2004.